



Apresentação

Nestes trinta e seis anos de edição da revista *Matraga*, este número reúne artigos sobre estudos linguísticos, literários e o ensino hoje. Inclui ainda uma resenha sobre o romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Jr., e uma entrevista em que se exploram os rumos da discussão pedagógica desde as últimas reformas promovidas pelo Ministério da Educação. Os vínculos que vão se constituindo entre os textos compõem um produtivo efeito de leitura do volume, uma vez que se trata de um dossiê denominado “miscelânea” – caracterizado pela ausência de uma chamada temática e o compromisso editorial de publicar os textos mais bem avaliados e compor entre eles um gesto de leitura que busque dar sentido à totalidade do volume.

Iniciamos a apresentação dos escritos pelos estudos linguísticos. A seção é aberta pela investigação de Francilene Leite Cavalcante, Dóris de Arruda C. da Cunha e Roberta Varginha Ramos Caiado acerca da circulação de sentidos em ambiente digital, com foco especial à emergência de “novos” gêneros discursivos. Seu interesse é marcadamente explicitado em uma caracterização do cenário atual de intensas e diversificadas formas de retrocesso na vida pública e no pleno exercício de direitos individuais e coletivos. No artigo intitulado “Uma abordagem da carnavalização em *memes* políticos”, as autoras refletem sobre a produção e circulação de contradiscursos a esse delineamento do cenário nacional brasileiro encontrando interlocução produtiva no pensamento bakhtiniano, com destaque para uma aprofundada reflexão em torno da noção de carnavalização. O investimento no quadro teórico adotado possibilitou destacar aspectos que articulam o verbal e o visual na constituição de sentidos que se configuram a partir do rebaixamento do outro e fornecem indicações para se pensar o desafio imposto ao campo democrático em contexto de retrocessos.

Na sequência, a reflexão de Ádma Sarmento Guimarães, Luiz Percival Leme Britto, Odavilma Calado Pompermaier, Sinara Almeida da Costa em torno de documento de referência da Educação nacional com trajetória recente bastante controversa. Dirigindo-se especialmente à BNCC-Educação Infantil, os autores do artigo intitulado “A Base Nacional Comum Curricular e o ensino da leitura-escrita na Educação Infantil” interrogam os pressupostos político-pedagó-



gicos que orientam a formulação da BNCC-Educação infantil, destacando o interesse pelo tratamento conferido ao processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), no referido documento. Com vasta e diversificada articulação com destacados pensadores do campo da linguagem e da Educação, os autores expõem tendências não explicitadas no referido documento, constituindo-se uma referência para as pesquisas, a formação de professores e a atuação de profissionais na escola. Observando a predominância da perspectiva sistematista na orientação das práticas relacionadas ao SEA e a presença secundária da perspectiva não sistematista na exploração da função social da escrita, os autores concluem o texto compartilhando questionamentos acerca do papel excessivo conferido à promoção de habilidades e competências e uma lacuna na formação global dos sujeitos – uma crítica à BNCC que encontra interlocução em pesquisadores de diversas áreas do saber.

Fornecendo ainda contribuições para a reflexão acerca das práticas de leitura na infância, Phellipe Marcel da Silva Esteves, Nathalia Batista Pereira e Gustavo José Pinheiro, em “O espaço discursivo de bibliotecas: o caso de livros infantis”, investigam os deslizamentos de sentido acerca da constituição do espaço da biblioteca implicados na produção de livros infantis como livros-brinquedo. Filiando-se à Análise do Discurso materialista, à História das Ideias Linguísticas e à História (Discursiva) do Livro, os autores territorializam suas reflexões em autores considerados clássicos nessas perspectivas, explorando tanto um inventário de práticas que se institucionalizaram no espaço das bibliotecas, quanto a constituição de livros, coleções, coletâneas que se conformam como livro-biblioteca. Ao abordar especificamente o livro-brinquedo dirigido ao público infantil, os autores demonstram, como efeito dessa prática de assumir a criança como interlocutora, a formulação de categorizações que acabam por “racializar” e “genderificar” aspectos como cores, relações de trabalho, emoções e sujeitos.

Desse modo, nos três primeiros artigos da seção de Estudos Linguísticos, destaca-se o interesse por certo deslizamento de sentidos do político e da leitura, que passam tanto pela leitura do político, no debate público caracterizado por intensos e diversificados retrocessos, quanto por políticas da leitura que se referem à análise do discurso oficial – em investigação sobre a BNCC – e à circulação de livro destinado ao público infantil. Antecipamos ainda a produtiva interlocução que se poderá estabelecer com a entrevista com Del Carmen Daher, acerca da trajetória de reflexões em torno das políticas públicas e a formação de professores de língua.

Nos dois artigos seguintes, são apresentados resultados de investigações dirigidas a fenômenos no nível fonético-fonológico e no morfossintático, ancorados em quadros teóricos relevantes e produtivos. As contribuições fornecidas se dirigem tanto ao desenvolvimento da descrição desses fenômenos e de fatores que concorrem para sua ocorrência, quanto ao encaminhamento metodológico sustentado em cada uma das pesquisas, antecipando diálogos futuros.

Centrada na Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, cujas premissas sustentam a complexidade, a abertura, a adaptabilidade e a não linearidade dos sistemas linguísticos, a investigação de Laura Castilhos Schereschewsky e Ubiratã Kickhöfel Alves se dirige ao processo de “desenvolvimento” de segunda língua – termo que, segundo a perspectiva adotada, teria o mérito de afirmar o processo de mudança ao longo do tempo, em detrimento de “aquisição”. No estudo, os autores abordam a produção de *Voice Onset Time* – aspecto relativo ao intervalo de

tempo na produção de consoantes – por aprendizes brasileiros em Inglês como L2. Observando a produção linguística nesse contexto específico, os autores consideram que tal aspecto permite observar a emergência de novas fases de aprendizagem e destacar a função da intervenção pedagógica, proporcionada pela instrução explícita de aspectos fonético-fonológicos dessa L2.

Fundamentando-se na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), Diogo Pinheiro e Dayanne de Oliveira Ximenes desenvolvem uma proposta metodológica para análise de Construção de Complementação Sentencial do português brasileiro, no artigo intitulado “Como montar uma rede construcional? Uma proposta metodológica aplicada às construções de complementação sentencial do português brasileiro”. Na elaboração de sua proposta, os autores propõem investigação da estrutura morfossintática formada por sujeito seguido de verbo complementado por uma oração introduzida pelo complementizador “que”, denominada Construção de Complementação Sentencial (CCS). O que se persegue é a construção de uma metodologia que parte de exemplares concretos para formular as categorias mais abstratas, iniciando pela coleta de dados, estabelecimento da rede construcional e verificação empírica. Assim, as contribuições do artigo se dirigem tanto à constituição de proposta metodológica, quanto à descrição da estrutura linguística ainda não explorada.

Passamos à seção dos estudos literários com a indagação de Fabiana da Costa Gonçalo em “A trajetória de Alencar no contexto literário do século XIX: um olhar sobre as páginas de *Como e porque sou romancista*” acerca da possibilidade de se entender tal registro na perspectiva do gênero autobiográfico. Entre a defesa do romancista a críticas a sua lavra, e, fundamentalmente, o esforço para melhor divulgá-la, a obra em questão encena a figura autoral no meio literário, nos problemas da recepção que Alencar enfrentou. Detendo-se em leituras atualizadas da obra de Alencar e na discussão histórica do gênero, que aponta para sua desimportância no meio literário daquele momento, a articulista esmiúça aspectos com que, no entanto, nesse livro, a reflexão de Alencar faz dele um possível precursor da autobiografia na literatura brasileira.

Seguindo a questão autoral, damos um salto para a contemporaneidade, deixando para adiante nova discussão sobre a produção literária no século XIX. Em “A travessia de um lago, *In other words*, a aprendizagem de uma língua: exofonia e tradução em Jhumpa Lahiri”, Andréa Moraes da Costa nos apresenta as reflexões da autora inglesa, descendente de indianos e naturalizada norte-americana, cuja aprendizagem da língua italiana, durante uma estadia de dois anos em Roma, deu-lhe a oportunidade de escrever sobre sua experiência em outra cultura na obra *In altre parole*. A imagem da “travessia de um pequeno lago” ilustra essa jornada que passa pelas temáticas da aprendizagem do idioma, identidade e tradução, desenvolvendo a interessante associação entre a língua inicialmente desconhecida e um livro que a autora ainda não vislumbra, mas deseja escrever. Entre referências aos Estudos Culturais, da tradução e da aquisição de língua, Andréa Moraes Costa nos introduz ao conceito de exofonia, resgatando diversos autores que desenvolveram uma língua literária diferente da língua materna, assim como aborda a incompletude de pertencimento de Lahiri a todas as línguas que atravessam suas diferentes vivências culturais e, por que não dizer, transnacionais.

Tanto nesses dois primeiros artigos literários quanto nos seguintes, percebem-se diferentes nuances na relação entre o autor e a escrita em seu tempo. Questão que se tornou secundária,



mesmo proscrita para a crítica, durante um longo período de preponderância do domínio conceitual da linguagem literária, e obliterada por interpretações redutoras a respeito da morte do autor, conforme se pode constatar no livro *Em torno de Roland Barthes: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor* (FIGUEIREDO, 2015). A referência a esse interessante ensaio de uma colega e pesquisadora muito atuante no contexto da crítica literária e na divulgação sempre atualizada de obras que mantêm fortemente vivo o universo das Letras, insere-se nesta apresentação para ressaltar um importante elo que as escolhas aqui apresentam, mesmo quando o conceito de autoria não é o enfoque dos estudos.

Assim é que, do autor à obra, mediada pelo leitor, Tauan Fernandes Tinti nos traz de volta ao século XIX em “O tédio incompreensível de Julien Sorel, ou sobre a atualidade do realismo”. Através da experiência de leitura do romance *O vermelho e o negro*, de Stendhal, o articulista se propôs esmiuçar algumas discussões teóricas sobre o romancista. A partir de Erich Auerbach, em capítulo de *Mimesis* dedicado aos realistas franceses, passa por releituras desse crítico romanista em estudos de Franco Moretti, no tocante ao romance de formação, Jacques Rancière, Frederic Jameson e Ian Watt. O artigo é construído pela proposta do autor de nos fazer emergir em sua própria experiência de leitor descobrindo o romance em pauta. Seu desconhecimento prévio a respeito do contexto sócio-histórico e político, na decadência de um regime, que é o pano de fundo da obra de Stendhal, segue em paralelo com a discussão sobre o estilo literário com a qual Auerbach despertou nos críticos a avaliação das complicações dessa percepção contextual e o que daí decorre para se pensar o realismo.

Desse mergulho no realismo oitocentista, emergimos no contexto de um acontecimento ainda não vivenciada, entretanto previsível, que se simula na ficção científica. Anderson Soares Gomes nos propõe repensar a pecha de subgênero atribuída a esse filão de literatura de massa, que já se desdobra do termo inglês de *sci-fi* para o de *cli-fi*, ou *climate fiction*, no artigo “Crise climática e reconfiguração do romance contemporâneo em *The Ministry for the Future*, de Kim Stanley Robinson”. Ressaltando sua pertinência na atualização das discussões a respeito da distinção entre natureza e cultura, aborda temas emergentes nas ciências ambientais pela narrativa ficcional, mostra os problemas da atual era geológica do Antropoceno, em que cientistas veem a interferência do homem sobre o planeta, de forma que a propalada catástrofe ambiental, prevista para um futuro não muito distante, acentua o enfoque instigante da *sci-fi* na relação entre futuro e realidade. Nesse estudo, Fredric Jameson é novamente referência, ponderando a validade literária da ficção científica e ratificando a obra de Robinson, considerado um escritor que elevou o gênero a romance de qualidade.

No esteio da superestrutura e das relações problemáticas entre a cultura e as ideologias, passamos a atualizado enfoque de Marcia Geralda de Almeida e Marisa Corrêa Silva sobre o poder e a suas transfigurações na linguagem em “O conceito de típico de Slavoj Žižek como mecanismo de manutenção da ideologia em *A exceção e a regra*”. As autoras destrincham o funcionamento da tipificação na peça de Bertold Brecht referida no título do artigo. Processo estudado pelo filósofo esloveno para entender as contradições inerentes às relações de poder, a tipificação funciona como elemento constitutivo do efeito de estranhamento com o qual o dramaturgo alemão propôs destituir a empatia aristotélica da cena teatral, e entender o indivíduo através de

seu comportamento, na determinação da estrutura do poder no âmbito coletivo. A leitura desse texto nos remete ao recente assassinato de Durval Teófilo Filho, morador de um condomínio na região metropolitana do Rio de Janeiro. No discurso de defesa do sargento da Marinha que o baleou, reconhecemos nitidamente o papel da tipificação e a própria fala de defesa do assassino, em trechos da peça de Brecht.

Do poder sobre o coletivo, que afeta as individualidades, chegamos ao estilhaço (do) lírico através do texto “Poesia e violência (O orvalho e a nódoa)”, de Wilberth Salgueiro. Entre a escrita da poesia *slam* e formas enxutas e contundentes, a linguagem poética aborda a periferia / margem social, a condição feminina, a pobreza, marcadas pela violência. Sua leitura ressalta o incômodo nas vozes que repudiam comportamentos desumanos e excludentes, bem conhecidos por nós, e que estão na base da identidade e da hierarquia de classes, de gêneros, que mantêm as desigualdades no Brasil. Articulando estudos sobre a violência na literatura brasileira com interpretações sociais das causas e efeitos, atemporais, universais e locais, da sua expressão naturalizada, o autor pretende desvelar a inquietação que tomou conta da poesia distanciando-se das suas dicções mais convencionais. A posição feminina, seja na voz / escrita de duas autoras, seja na de um autor, é o foco da observação alarmante de tudo que extermina.

De uma ruptura a outra, encerramos essa seção literária com o texto de Rosana Letícia Pugina, “As ‘velhas assanhadas’ de Hilda Hilst: uma análise de três textos pornográficos”. Passeando pela poesia, conto e dramaturgia da escritora, a articulista nos propõe submergir no universo porno-erótico no qual as figuras das “velhas assanhadas” protagonizam a obscenidade em sua escrita, numa dissolução da marca com que anciãs foram construídas cultural e literariamente. Com referencial teórico literário, filosófico e da análise do discurso, o artigo demonstra, no uso do dispositivo pornográfico, a contraposição da representação erótica em Hilda Hilst com relação ao apagamento, cultural, dessa função na mulher senil, resistindo, de quebra, à histórica censura e silenciamento feminino quanto ao domínio e expressão de seu desejo. A exploração do *corpus* entre os três registros, da prosa, do verso e do diálogo teatral, ressalta ainda os recursos muito criativos da escritora em sua lavra.

Antes de retornarmos a outra seção consagrada à literatura, na seção Resenha, convidamos nossos leitores à leitura da Entrevista concedida à *Matraga* pela docente e pesquisadora Del Carmen Daher. Trata da discussão urgente acerca dos rumos que toma hoje o ensino no Brasil e como isso afeta, tanto quanto as outras áreas, a nossa. Muito longe de ser uma discussão de domínio estritamente pedagógico, a preocupação com a fundamentação sobre o ensino é determinante na função que docentes exercem na sociedade e, conseqüentemente, na soberania das instituições de ensino com relação às escolhas que estão hoje sequestradas das instâncias legítimas por uma política governamental que estabelece compromissos com os setores privados precedendo essas escolhas. Del Carmen Daher nos fala de alguns mecanismos com que se construiu esse desmonte. A entrevista dialoga inevitavelmente com a análise já comentada, na apresentação da seção linguística, sobre o letramento segundo a BNCC, no artigo “A Base Nacional Comum Curricular e o ensino da leitura-escrita na educação infantil”.

Finalizamos esse número com a resenha do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Jr. Nela, Victor Hugo Adler Pereira problematiza o mais recente fenômeno de premiação literária de



língua portuguesa, agraciado em Portugal e no Brasil. Apontando para a contundência da exploração de temas ainda sensíveis em nossa cultura, mostra suas marcas mais brutas no contexto ficcional que Vieira Jr abordou, assim como a forma pela qual a trajetória profissional do autor o levou à escuta de indivíduos resgatados de seu anonimato e silêncio. O resenhista procura entender na literatura brasileira a possível preparação do terreno de temas e figuras pertencentes ao universo ficcional para a consagração desse autor nos dias de hoje, e na emergência dos problemas sociais nunca resolvidos em nossa sociedade, que suas linhas realçam.

Encerrando, convidamos a todas e todos à leitura desta miscelânea, ao encontro do diálogo entre os textos que perfazem um conjunto bastante interessante e refletem nossos tempos.

Bruno Deusdará e Geraldo Pontes

REFERÊNCIA

FIGUEIREDO, Euridice. **Em torno de Roland Barthes**: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor. Santa Maria: UFSM, série Cogitare, v. 15, 2015.

